REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Setembro de 2011 – Nº 50

ISSN 1518-1

ALB

A Influência Francesa na Arquitetura e Urbanismo Brasileiros

Paulo Ormindo de Azevedo

Em 25 de março de 1983, Thales de Azevedo, meu pai, pronunciou nesta academia uma conferência magistral sobre a influência francesa na linguagem, costumes e valores na Bahia de sua juventude, *A Francesia Baiana de Antanho*. Por um cacoete profissional, não resisti à tentação de reunir alguns comentários sobre a francesia num dos campos onde ela foi mais forte no Brasil, durante o século XIX e primeira metade do século passado, a arquitetura, o urbanismo e as artes.

Após três séculos de isolamento econômico e cultural do mundo, uma circunstância histórica, a invasão napoleônica de Portugal, transformaria o Brasil Colônia em Metrópole e consequentemente aberto para o mundo. São os ingleses os que forçam e tiram o maior proveito da abertura comercial, mas a abertura cultural seria em direção à França, promovida por D. João VI com a contratação de uma missão de artistas franceses para iniciar o ensino das artes no país, ainda muito provinciano. A ideia partiu do ministro Antonio de Araújo Azevedo, 1º Conde da Barca. A Missão foi chefiada por *Joaquin Lebreton* e composta

pelo arquiteto *Grandjean de Montigny*, os pintores *Nicolau Taunay e Jean Baptista Debret*, o escultor *Auguste Marie Taunay* e o gravador *Charles Simon Pradier*.

Embora fundada em 1816, a Academia Imperial de Belas Artes só começaria a funcionar efetivamente dez anos mais tarde, quando alguns membros da missão já haviam morrido ou retornado à França. Mas nesse período fizeram obras importantes e documentaram a cena brasileira. Nesse particular foi importantíssima a contribuição de *Jean Batista Debret* documentando paisagens, costumes e tipos do país em sua Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Se a Missão perdeu alguns membros ganhou outros, como os irmãos *Marc* e *Zépherin Ferrez*, escultores e gravadores franceses que imigraram para o Brasil por conta própria. Assinale-se ainda os artistas Charles Henri Levesseur e Louis Symphorien Meunié, que lecionaram na Academia de Belas Artes na condição de pensionistas (RIOS FILHO, 1960, p. 245).

O Neoclássico introduziu a simetria nas plantas e fechadas, elevou os edifícios do chão criando o chamado porão baixo e introduziu a platibanda (*plate-bande*) como forma de dar a sensação que os edifícios terminavam em terraços (*terrasses*) ou áticos e não em telhados como na tradição colonial. A nova academia transforma o Neoclássico no estilo oficial do Império, que se irradiaria do Rio de Janeiro para todo o país. Outros profissionais que se destacam neste período foram *Grandjean de Montigny* e e pouco depois Pedro Alexandre *Cavroé*, filho de franceses, que foram agraciados com o título de Arquiteto do Senado da Câmara. O francês Pedro José *Pézérat* foi arquiteto particular de D. Pedro I e Joaquin *Bethencourt* da Silva recebeu o título de Arquiteto Imperial durante o reinado de Pedro II. Cite-se ainda os arquitetos Joaquim Cândido *Guillobel*; e *Charles-Philippe Garçon Riviére* que atuaram durante o 1° e 2° reinados.

Ainda no Rio de Janeiro assinalem-se os trabalhos de urbanismo do Eng. Pedro *Taulois* que projetou uma avenida

litorânea, em 1830, na região da Gamboa e Saco do Alferes, não executada, onde foi construído depois o cais do porto. Em 1874 no Governo do Visconde do Rio Branco, o Ministro do Império, João Alfredo, nomeou uma comissão para elaborar um plano de melhoramentos para a cidade da qual participou entre outros o futuro prefeito Francisco Pereira Passos e o Eng. Ernesto *Guignet*. Este primeiro plano urbanístico integral elaborado no Brasil não foi executado na época, mas seria em grande parte aproveitado por Pereira Passos quando prefeito (PEREIRA, 2008, p.14) .

No paisagismo, devemos assinalar as contribuições de *Auguste Marie Francisque Glaziou*, botânico e hábil jardineiro, que reformou o Passeio Público, o Campo de Sant'Anna e a Quinta da Boa Vista e projetou o jardim da Praça da Aclamação, atual da Republica, entre 1860 e 1880, bem como a contribuição de seu discípulo *Paul Villon* (TELLES,1994, p. 148).

No Nordeste, o arquiteto francês *Louis Léger Vauthier*, egresso da *École Nationale de Ponts et Chaussés* com passagem pela *École Polytechnique de Paris* difundiria o Neoclássico no Recife, onde chegou em 1840. Nessa mesmo cidade, o mestre pedreiro e arquiteto Manuel Ferreira *Jácome* projetou a igreja de de São Pedro dos Clérigos.

A arquitetura eclética adotada pela Primeira Republica foi em grande parte feita por arquitetos franceses, como *Francisque Couchet*, sócio de Arquimedes Memória e com quem projetou a Camara de Deputados e o Jóquei Clube, no Rio de Janeiro, ou de inspiração francesa, como o Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1905-1909), do Eng. Francisco de Oliveira Passos, sobrinho do Prefeito, uma replica da Ópera de Paris, de Garnier. O engenheiro contou neste projeto com a colaboração de técnicos de nomes ou sobrenomes franceses, como *René* Brada (coor.), *Albert Gilbert*, Antonio *Ruffin*, *Charles Peyroton*, Emílio *Bion* e J. *Personne*. A vizinha Biblioteca Nacional foi projetada pelo escritório francês Hector Pepin et Taquenot, entre 1905 e 1910.

Modernizando as técnicas construtivas, os programas, e a decoração o Ecletismo deixou muitos termos ainda em uso na

arquitetura brasileira. Na construção civil podemos citar o betão armado (*béton armé*), a betoneira, o *radier* ou laje armada sob uma construção, as telas *depolyé* de metal estendido para armar o estuque (*stuc*), o *gransepe,* chapuz corrido para fixação de assoalho sobre laje de concreto, a claraboia (*claire voie*) e o *pilotis*. Novos cômodos foram incorporados às casas, como o budoar (*boudoir*) ou quarto íntimo de mulheres, o sanitário (*sanitaire*), antes conhecido como quartinho, ou casa de banho, agora com bidê (*bidet*), ducha (*duche*) e retreta (*retrete*) e as mansardas (*mansardes*), nova denominação das modernizadas águas furtadas. Mas é na decoração sua maior influencia com a introdução do vital (*vitrail*), *lambris, parquet, plafond* (forro ou luminária de teto), abajur (*abat jour*) e móveis, como sofá *(sofa),* divã (*divan),* pufe (*pouf*), *console e* toalete (*toilette*).

Muitos arquitetos e engenheiros brasileiros fizeram sua formação na França, como o Eng. Francisco Pereira Passos, formado pela *École des Ponts et Chassés de Paris*, e o arquiteto gaúcho Manuel de Araujo Porto Alegre, diplomado pela Escola de Belas Artes da mesma cidade. O paulista Francisco de Paula Ramos de Azevedo, autor dos projetos do Teatro Municipal e da atual Pinacoteca de São Paulo e o baiano José Nivaldo Allioni, receberam o título de engenheiro-arquiteto pela Universidade de Gand, na Bélgica. Allioni assina o projeto da primitiva Escola de Belas Artes, depois transformada em Senado da Câmara do Estado da Bahia, na Praça da Piedade, mutilada com a abertura da Av. Sete de Setembro por Seabra. Reformou também o sobrado do colecionador Jonathas Abott, na Rua do Tijolo, mais tarde sede da Escola de Belas Artes da Bahia[1].

Podemos ainda citar como provavelmente formado na França Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, onde se encontrava quando mandou o projeto da reforma classicizante da Casa de Câmara e Cadeia de Salvador (1887), inspirado na arquitetura de Luiz XVI. Curiosamente, o primeiro livro de urbanismo de autor brasileiro, o Eng. Francisco Saturnino de Brito, foi escrito em francês, *Le Tracé Sanitaire de Villes*, publicado em 1916 (TELLES, 1984, p. 165).

O *Art Nouveau* foi outro estilo da *Belle Époque* brasileira e teve no franco-argentino *Victor Dubougras* um de seus maiores representantes no Brasil. *Dubougras* é o autor da reconstrução da nossa Faculdade de Medicina, depois do incêndio de 1905. Atuaram muito no Rio e em São Paulo, entre 1910 e 1920, os escritórios de arquitetura *Viret & Marmorat* e de *Joseph Gire*, este projetista do Copacabana Palace, Hotel Gloria e Ed. de A Noite, com 22 pavimentos em estrutura de *béton, armé*, um assombro na época[2].

Mas a maior influência francesa seria no urbanismo, com a reforma de Belém do Pará, sob o intendente Antonio Lemos (1897-1902), que a transformou na "Paris n'America" ou "Petit Paris" e em Belo Horizonte (1894-97), projeto do Eng. Aarão Reis, com um *boulevard* de 50m de largura e largos *trottoirs* - a Av. Afonso Pena – terminando em uma réplica de *L'Etoile* de Paris, o *rond points* do obelisco. Mas a mais impactante influência do urbanismo francês no país se deu na reforma do Rio de Janeiro (1902-06), então capital do país, quando prefeito Francisco Pereira Passos, que estudara na França enquanto *Haussmann* reformava Paris. Pereira Passos queria abrir a Av. Central, atual Rio Branco, com 50 m. largura, como as avenidas de Paris, mas se conformou com 33 m. De qualquer modo reproduziu um *boulevard* parisiense na Av. 28 de Setembro e abriu as avenidas Salvador de Sá, Gomes Freire e Passos. A reforma do Rio de Janeiro seria reproduzida no Recife e aqui em Salvador pelo Governador J.J. Seabra (1912-16)[3].

O urbanismo francês se fez presente também na atuação de *Alfred Agache* no Rio de Janeiro. Ele fora convidado, em 1927, para urbanizar as áreas resultantes do desmonte do Morro do Castelo e aterro do Calabouço, o que resultou na criação da Comissão do Plano da Cidade, depois transformada no Departamento de Urbanismo da Prefeitura carioca.

Agache foi o terceiro colocado no concurso para o plano-piloto de Camberra, Austrália. Adepto do urbanismo de *Haussmann*, *Agache* propôs grandes avenidas para o Rio e projetou uma Cidade Universitária na Praia Vermelha. Ele é o provável

introdutor do *cul de sac* no Brasil. O Urbanista francês chegou a fazer uma proposta, no inicio da década de 1940, para realização do Plano Diretor de Salvador, concorrendo com Mario Leal Ferreira.

A influênciaria francesa é também visível no plano-piloto de Goiânia (1933-37), de Attilio Corrêa Lima, pós-graduado em Urbanismo pela Sorbonne, com uma malha de *rond points* e arquitetura *Art Déco* nas edificações públicas. Este estilo, iniciado com a Exposição de Arte Decorativa de Paris (1925), teve grande influencia na primeira geração de edifícios de Copacabana e em São Paulo. Aqui em Salvador o Art Decó produziu a bela decoração marajoara do Instituto do Cacau da Bahia (1932-36) e algumas residências pequeno burguesas em bairros novos, como Barris, Canela, Rio Vermelho e Pituba. Neste último bairro, vale lembrar a Casa do Navio, já demolida, construída pelo Dr. Boureau.

A influência francesa foi também muito forte no Modernismo brasileiro. Na Semana de Arte Moderna de 1922, uma das figuras centrais foi o escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret, que havia estagiado com *Auguste Rodin* e *Èmile-Antoine Bourdelle* na França. Muitos outros artistas modernistas se aperfeiçoaram na França como Ismael Nery, que cursou a Academia Julian em Paris nos anos 20 e Portinari, que morou na mesma cidade no período 1928-30, onde conheceu *Chagall* e *Picasso*.

Já nessa época os arquitetos brasileiro começavam a se contaminar com as ideias de Le Corbusier publicadas na revista *L'Esprit Nouveau* e com a publicação de seus primeiros livros, *Vers une Architecture* (1923) e *L'Urbanisme* (1924). Sua passagem pelo Brasil em 1929 fazendo conferências no Rio e em São Paulo prepararia o caminho para o convite do Ministro Gustavo Capanema para projetar o Ministério da Educação e Saúde e Cidade Universitária na Mangueira, em 1936, em equipe com arquitetos brasileiros liderados por Lucio Costa. Consolidava-se, assim, a arquitetura modernista brasileira, cuja maior expressão é

Brasília (1957-59), inspirada nas ideias de *Le Corbusier,* dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - CIAM e na paixão de Lucio Costa por Paris, onde passou a infância.

Brasília, como Paris, possui eixos de composição, *boulevards*, esplanadas ou plataformas (*plate-formes*) e a referência visual de uma torre que ordena todo o espaço urbano. Pela mesma influência, a maioria das prefeituras brasileiras tornou o *pilotis*, que passou a ser sinônimo de piso vazado, obrigatório nas construções habitacionais em altura. Durante um século e meio a inspiração da arquitetura brasileira foi francesa. Com a Semana de 1922 e a construção de Brasília, a arte, a arquitetura e o urbanismo brasileiro assumem um caráter próprio e se distancia da França.

NOTAS E REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Ormindo. *A arquitetura e o urbanismo da nova burguesia baiana*. In: *De Villa Catharino a Museu Rodin Bahia: um palacete bahiano e sua história*. Salvador: Solisluna Design e Editora, 2006, p. 59-103.

Vide SANTOS, Paulo F. *Quatro séculos de Arquitetura.* Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 43-98 e BRUAND, Ynes, Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.

– Sobre a reforma de Salvador sob Seabra vide PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: Edufba, 1999.

Paulo Ormindo de Azevedo é arquiteto, ensaísta, Professor Titular da Universidade Federal da Bahia; é consultor da UNESCO, membro do Conselho Consultivo do IPHAN e do Conselho Nacional de Política Cultural, Presidente do IAB-Ba. Tem diversos artigos e livros publicados . Desde 1991 ocupa a Cadeira nº 2 da ALB.